

## MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:  
TEATRO DE OBJETOS: MEMÓRIA E HISTÓRIA

Florianópolis, v. 1, n. 29, p. 396 - 413, Maio 2024  
E - ISSN: 2595.0347

# O teatro de objetos do Grupo Sobrevento

**Sandra Vargas**

UNIRIO (Rio de Janeiro, Brasil)



**Figura 1** – Espetáculo SÓ do Grupo Sobrevento  
Fotógrafo: Marco Aurélio Olimpo

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034701292024396>

## O Teatro de objetos do Grupo Sobrevento<sup>1</sup>

Sandra Vargas<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende registrar os intercâmbios internacionais que o Grupo Sobreventopromoveu no campo do Teatro de Objetos, destacando a contribuição que cada um deles teve na sua pesquisa e na difusão do Teatros de Objetos no Brasil.

**Palavras-chave:** Teatro de Objetos; Teatro de objetos documentais

## The theater of objects by Grupo Sobrevento

**Abstract:** This article aims to record the international exchanges that Grupo Sobreventopromoted in the field of Theater of Objects, highlighting the contribution that each of them had in their research and in the dissemination of Theaters of Objects in Brazil.

**Keywords:** Object Theater; Theater of documentary objects

---

<sup>1</sup> Data de submissão do artigo: 25/10/2023. | Data de aprovação do artigo: 20/12/2023.

<sup>2</sup> Formada como Bacharel em Artes Cênicas, com habilitação em Interpretação Teatral pela Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO). Co-fundadora do Grupo Sobrevento (SP). Esteve indicada, em 1989, como Melhor Atriz e Revelação de Melhor Atriz para os Prêmios Mambembe e Coca-cola. Entre outras premiações, recebeu em 2000 o Prêmio APCA (da Associação Paulista de Críticos de Arte) de Melhor Atriz. Criou, junto com o Sobrevento, os espetáculos *Ato sem Palavras*, *Um Conto de Hoffmann*, *Sagruchiam Badrek*, *Mozart Moments*, *Beckett*, *O Teatro de Brinquedo*, *Ubu!*, *Cadê o meu Herói?*, *O Anjo e a Princesa*, *Brasil pra Brasileiro Ver*, *Submundo*, *O Cabaré dos Quase-Vivos* e *O Copo de Leite*. Tem-se dedicado à difusão do Teatro para a Primeira Infância e ao Teatro de Objetos, organizando e dirigindo festivais, bem como realizando espetáculos e oficinas. E-mail: [sandra@sobrevento.com.br](mailto:sandra@sobrevento.com.br) / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5017-4661>

## Apresentação

O Sobrevento teve contato com o conceito do Teatro de Objetos logo no início da sua fundação, quando participou de um curso ministrado pelo marionetista francês Philippe Genty, na cidade de Trujillo, no Peru, em 1988. Naquele curso, um dos módulos era o Teatro de Objetos, apresentado como uma vertente do Teatro de Animação, mas que se regia por conceitos completamente diferentes, em que a manipulação, que era uma das bases do Teatro de Animação, com todos os seus princípios (direção do olhar, ponto fixo, dissociação, eixo e nível), não era o que sustentava essa linguagem. Philippe Genty não fazia Teatro de Objetos, mas, quando assistiu aos espetáculos do Théâtre de Cuisine, ele sistematizou alguns conceitos que percebeu nos trabalhos dos artistas fundadores daquela companhia, Katy Deville e Christian Carrignon, e passou a transmitir nos seus cursos, os quais eu apresentei, em 2010, no artigo O Teatro de Objetos: história, ideais, visões e reflexões, para a revista Moin Moin, nº 7.

Escrevi aquele artigo, provocada por Nini Beltrame, num momento em que eu fazia a curadoria do FITO (Festival Internacional de Teatro de Objetos), idealizado por Lina Rosa, que teve 15 edições, em diferentes estados do Brasil, e, por cumprir esta função, acabei sendo responsável pela vinda de mais de 30 companhias internacionais que se dedicavam ao Teatro de Objetos sob o mesmo olhar com o qual eu havia tido contato em 1988, pelas mãos de Philippe Genty. Quando o FITO começou, eu era muito questionada sobre o que era o Teatro de Objetos e o porquê de determinadas escolhas na programação e outras não. Naquela época, no Brasil, artistas e público tendiam a misturar as ideias que embasavam o Teatro de Animação com o Teatro de Objetos, entendendo-o sob o ponto de vista da marionetização. Era comum ouvir falar que, somente porque num espetáculo não havia bonecos, mas sim objetos, já era considerado Teatro de Objetos. Ou até mesmo quando se utilizavam materiais como papel, plástico e panos, já se definia como Teatro de Objetos, embora nem mesmo esses materiais pudessem ser classificados como objetos.

Esse artigo nasceu, então, de uma necessidade de difundir essas primeiras ideias em que se apresentava o Teatro de Objetos como uma linguagem que se valia de objetos prontos, sem transformar a sua natureza, mas dando uma função poética ao objeto pela via da metáfora. O objetivo principal era fazer compreender que havia uma diferença entre os princípios que regiam o Teatro de Animação e os do Teatro de Objetos, o que acabou despertando muito interesse de artistas e pesquisadores, que se debruçaram na pesquisa desta linguagem sob aquele olhar apontado. Alguns desses pesquisadores aproveitaram a vinda das companhias que compuseram a programação do FITO para entrevistá-las, entre elas as precursoras dessa linguagem, como o Vélo Théâtre, Théâtre de Cuisine (França) e Gare Central (Bélgica), e as mais modernas, tais como Bakelite (França) e La Pire Espèce (Canadá), entre as muitas que vieram ao país, de modo a fortalecer as suas pesquisas, pois não havia tantas companhias no Brasil que trabalhassem essa linguagem desse ponto de vista.

Na qualidade de curadora do FITO, tive a oportunidade de conviver com muitos artistas, acompanhando as suas oficinas, palestras, apresentações e entrevistas, além de todas as conversas informais durante as refeições e passeios, eventos comuns nas rotinas de festivais de teatro. Essa convivência despertou o desejo de realizar intercâmbios internacionais mais consistentes com o próprio Sobrevento, fazendo com que eu aprofundasse muitas questões e revesse algumas definições e conceitos mencionados em meu primeiro artigo.

Graças a subvenções como a do Programa Municipal de Fomento ao Teatro da cidade de São Paulo, o *Programa RUMOS do Itaú Cultural* e o *Programa de Patrocínio da Petrobrás e Caixa Cultural*, o Sobrevento pôde promover importantes intercâmbios internacionais, que contribuíram para a grande difusão que o Teatro de Objetos foi ganhando a partir de 2011, no Brasil, junto aos artistas mencionados a seguir:

Agnès Limbos (Bélgica) – Fundadora da Companhia Gare Central, é tida como a grande dama do Teatro de Objetos. Além de atriz e diretora, é uma renomada professora e acompanhou muitos jovens artistas em seus percursos

artísticos, tendo dado aulas em algumas das principais escolas de teatro contemporâneo do mundo, tais como a Escola Superior das Artes da Marionete, de Charleville-Mézières, França, e a Escola de Teatro Visual, em Tel Aviv, Israel. Esteve com o Sobrevento em 2011 e 2015. Na primeira vez, apresentou o espetáculo *Perturbações* e realizou uma Oficina de Teatro de Objetos aberta a 20 artistas, com duração de 20 horas.

Agnès Limbos nos apresentou um Teatro de Objetos que se vale de metáforas, simbolismo e sugestões, e, por meio de exercícios muito bem elaborados, estimulou os artistas a acreditarem na força do objeto parado, sem manipulá-lo, que poderia ser um disparador de muitas ideias usando poucas palavras, buscando uma dramaturgia direta, sintética e simples. Apresentou-nos um recurso muito potente com a substituição de um objeto por outro na cena. Compartilhou a ideia de um Teatro em que o artista que está atrás dos objetos tem um ponto de vista sobre aquilo que ele encena com aqueles objetos. Na segunda vez, trouxe o espetáculo *Ressaca* e realizou outra Oficina de Teatro de Objetos, com a mesma duração da anterior e o mesmo número de vagas.

Nos seus espetáculos, percebemos que Agnès Limbos cria um mundo de imagens cinematográficas com os objetos colocados na mesa, na qual trabalha, de uma maneira extremamente precisa e lógica, mas com muito humor e uma limpeza, muito parecidas às situações do Teatro do Absurdo. A sua formação em ciências políticas e filosofia, no meu modo de ver, está presente o tempo todo nas questões trazidas em seus espetáculos. Os que apresentou em São Paulo, para mim, são uma crítica ao colonialismo, aos valores burgueses e à decadência econômica e cultural da sociedade europeia.

A presença de Agnès em cena é próxima à de um clown e é apresentada como se ela estivesse rindo dela mesma, não é uma figura que se leva a sério, sendo uma extensão das situações cômicas que são criadas por ela na mesa. Agnès Limbos, ainda na sua segunda visita, foi convidada, também, a participar e interferir no processo de criação do espetáculo *SÓ*, do Sobrevento, que também foi aberto aos artistas participantes da oficina e a um grupo de estudo

sobre as possibilidades do Teatro de Objetos (criado especialmente para a concepção desse espetáculo, com aproximadamente 35 artistas).

Em *SÓ*, o Sobrevento explorou as limitações e o potencial do Teatro de Objetos e deparou-se com um paradoxo: aquilo que o havia atraído por parecer uma possibilidade de ruptura revelara-se, também, uma armadilha, uma convenção: um teatro feito geralmente por um único ator, que ordena objetos sobre uma mesa, para contar uma história, lançando mão de metáforas. Da prática desta linguagem, questionava-se, então, a utilização de mesas como suporte constante dos objetos, a fim de dar-lhes destaque, bem como se questionava a figura do artista, que mesmo sendo um personagem, ao estar sempre sentado atrás de uma mesa, era difícil fugir da imagem de um narrador ao invés da de um personagem. Por isso, também, colocamo-nos, como desafio, criar cenas sem palavras, para fugir do uso do objeto como uma ilustração daquilo que é narrado e desta forma chegar a cenas em que o ator passaria a ser o centro da situação dramática e, portanto, seria claramente um personagem.

Antônio Catalano (Itália) – É artista plástico e um dos atores mais originais e interessantes do teatro italiano. Esteve com o Sobrevento em 2011, 2012 e 2015. Em 1999, pesquisando o Teatro de Objetos, estreia na Bienal de Veneza seu projeto de arte interativa *Universos Sensíveis ou Armários Sensíveis*. Há muito tempo teoriza e pratica o abandono da ideia tradicional de espetáculo, realizando um novo tipo de encontro artístico, no qual tende a provocar experiências vitais. Mas é principalmente com suas incursões entre pintura e escultura, com o uso fantástico de objetos naturais e da vida cotidiana (relógios, brinquedos, folhas, ramos), que o artista consegue criar mundos estranhos e maravilhosos.

A primeira vez em que Antônio Catalano veio a convite do Sobrevento foi para apresentar o seu espetáculo *Tic Tac Tic Tac*, numa Mostra Internacional de Teatro para Bebês que o grupo organizava sem ter noção do quanto o trabalho do artista estava relacionado ao Teatro de Objetos. Na sua segunda visita, ele veio ao Brasil para colaborar filosófica e plasticamente com a criação do espetáculo *São Manuel, Bueno Mártir*, estreado em 2013. Antônio Catalano

propôs construir figuras para o espetáculo compostas de galhos naturais, na tentativa de que fugíssemos ao máximo do figurativo. As esculturas de Antônio Catalano não chegaram a ser usadas no espetáculo, mas apontaram uma mudança radical no rumo da encenação, que no início do espetáculo se valia de figuras de madeira realistas, e que no avançar da encenação passamos a usar galhos e pedaços de madeira, tal qual encontrados na natureza.

Antônio Catalano, também, criou a sua instalação plástica: *Povo Frágil* – figuras em tamanho natural composta de caixotes de feira, que trazem dentro de si fotos, papéis amassados, pregos, objetos e imagens de santos, que foram recolhidos nas ruas de São Paulo, com a colaboração de vários artistas. Em cada caixote foram colocados os objetos que cada um desses homens, na cidade de São Paulo, carregaria no seu peito. Foram construídas cerca de 30 figuras, colocadas numa praça pública da cidade, e depois algumas delas foram alocadas no Sobrevento. Quando estreamos o espetáculo *São Manuel Bueno, Mártir*, criamos no foyer uma instalação composta dessas figuras e de uma “Árvore da Fé”, na qual as pessoas penduravam papéis em que escreviam seus sonhos ou desejos.

Tudo isso foi uma grande contribuição de Antônio Catalano em nosso trabalho. Na sua terceira visita, Antônio Catalano, numa oficina, estimulou a criação de pequenas instalações plásticas, a partir de objetos trazidos pelos participantes. A ideia era que cada artista pudesse revelar, por meio da reunião de objetos escolhidos, uma história pessoal, única e íntima, em uma instalação plástico-cênica, que poderia vir a se transformar em uma exposição pública. O artista nos apresentou um Teatro de Objetos que não se vale necessariamente de Objetos manufaturados, fez-nos sair de um certo jogo mental muito lógico e racional que vínhamos experimentado na nossa relação com os objetos e do conceito que tínhamos conhecido com Philippe Genty, aprofundado com Agnès Limbos, na sua primeira visita. *São Manuel Bueno, Mártir* tem a limpeza e a precisão, de Agnès Limbos, e a subjetividade, de Antônio Catalano, que servem muito bem para a narrativa da história que começa de uma forma muito figurativa e termina de uma maneira filosófica e subjetiva.





**Figura 2** – Espetáculo São Manuel Bueno, Mártir, do Grupo Sobrevento  
Fotógrafo: Marco Aurélio Olimpo

Em 2011, recebemos a visita da Companhia Irmãos Oligor, com o espetáculo *Tribulações de Virgínia*, que foi criado em três anos e meio, quando os artistas da Companhia estiveram fechados em um porão de uma bicicletaria da cidade, inventando bonecos, traquitanas, autômatas animadas por roldanas e pedais, brinquedos mecânicos e máquinas. Para tratar das feridas de uma relação sem final feliz, terminaram por envolver toda uma cidade em uma aventura que, só depois de muito tempo, viu a luz – real – do sol.

Numa pequena barraca circular com uma arquibancada que abriga 50 pessoas, o ator, ao ritmo de música de feira, caixas de música e tango, vai acionando os diferentes mecanismos ao mesmo tempo que conta uma história ficcional, embora muito pessoal e verdadeira, de amor e desamor. Tivemos a sorte de termos Jomi Oligor por dois anos, aproximadamente, em São Paulo. O seu trabalho nos revelou a potência da intimidade que o Teatro de Objetos é capaz de provocar no encontro do artista com o público. Vimos um espetáculo



delicado em que o ator se despe do personagem e compartilha com o público, com humor e delicadeza, toda a sua fragilidade.

Certamente a presença de Jomi Oligor nesses anos influenciou a encenação de *Sala de Estar* (2013) e *Eu Tenho uma História* (2014). Ambos os espetáculos estabelecem uma relação muito íntima e confessional com o público. Nas duas encenações, trabalhamos o conceito de estações, as quais abrigam um público muito pequeno que escuta um segredo verdadeiro ou não – no caso de *Sala de Estar* – ou uma história do bairro verdadeira – no caso de *Eu tenho um História* –, em ambas, da voz de um único ator. Em *Sala de Estar*, há seis estações, em que o espectador entra na intimidade de cada pessoa que está dentro da sua sala.

Em *Eu tenho um História*, foram criadas cinco pequenas tendas circulares, levadas a espaços abertos, como parques e praças, que abrigam 10 pessoas em cada tenda. Nas barracas o público ouve uma história do entorno da sede do Espaço Sobrevento– o seu Teatro. Por meio de objetos, o Sobrevento fala de figuras ilustres, que tiveram suas vidas vinculadas à região e dos trabalhadores que ajudaram a construir o bairro, cujas profissões estão em vias de desaparecer.



**Figura 3** – Espetáculo *Eu tenho uma história*, do Grupo Sobrevento  
Fotógrafo: Marco Aurélio Olimpo

O Sobrevento recebeu, em 2014, 2015 e 2023, Katy Deville e Christian Carrignon (França), Fundadores do Théâtre de Cuisine, companhia precursora desta linguagem. Foi Katy Deville que criou o termo Teatro de Objetos. Eles dedicam-se exclusivamente à pesquisa desta linguagem, difundindo-a por meio de apresentações, conferências, palestra e residências artísticas promovidas por eles ou por artistas convidados. Em 2014, veio ao Brasil somente Katy Deville para ministrar uma Oficina de Teatro de Objetos com uma semana de duração e apresentar o espetáculo *20 minutos sobre o mar*.

Em 2015 Katy Deville e Christian Carrignon apresentaram a aula espetáculo *Teatro de Objetos: Manual de Instruções*. Nela, dois especialistas do Teatro de Objetos debruçam-se sobre a fabricação de cenas míticas do gênero: uma conferência que extrapola, inevitavelmente, os seus marcos. Seguem-se cenas clássicas de Teatro de Objetos criadas por Agnès Limbos, Gyula Molnár, Jacques Manarf, Katy Deville e Christian Carrignon, sempre comentadas pelos atores. Nessa mesma ocasião, Katy e Christian coordenaram a oficina Museu dos Objetos Comuns. Partindo da ideia de que os objetos do cotidiano são

portadores de memórias. Não a memória dos grandes eventos, mas a memória de nossos avós, modesta e tocante. A oficina possibilitou a criação de um museu, no qual os participantes etiquetaram alguns objetos com uma frase que associava os objetos comuns com a história pessoal de cada um, quer seja real, quer seja inventada.

Em 2023, Katy Deville retorna para ministrar uma oficina de Iniciação do Teatro de Objetos. O Théâtre de Cuisine nos apresentou, de uma maneira muito técnica e clara, conceitos que nos serviram como regras para estabelecer um jogo teatral com o objeto. Com eles, ficou claro, por exemplo, que associar o objeto a um animal pela forma dele não é Teatro de Objetos e sim de animação com objetos – nesse sentido, uma chaleira poderia ser associada a um elefante e isto seria teatro de animação. No teatro de Objetos, uma chaleira seria associada ao inverno ou à casa da avó ou outras coisas que a chaleira, como chaleira, é capaz de evocar. Nos ensinaram a observar o objeto, o que parece simples, mas existem mais dificuldades do que podemos imaginar na compreensão do objeto e a sua função na sociedade. Para trabalhar com a metáfora, precisamos ter certeza de que aquilo que estamos vendo neste objeto é o mesmo que o espectador vê; caso contrário, a metáfora não funciona. Muitas pessoas acham que devem fazer metáfora com todos os objetos usados numa cena e que essa é a única possibilidade de jogo, mas não o é. Portanto uma kombi pode ser uma kombi andando na estrada, mas não é um carro de luxo, e é nesse jogo mental que está a metáfora, mas a kombi continua sendo kombi.

O Théâtre de Cuisine nos fez experimentar os recursos usados no cinema, tais como o plano aberto, o plano fechado, o uso de perspectivas e a narrativa dos thrillers. Essas regras em 1983 para mim, não são entendidas como amarras, mas como possibilidades de jogo para o uso dos objetos na encenação. No espetáculo que Katy Deville trouxe, *20 Minutos sob o Mar*, um espetáculo criado em 1983, vemos um teatro cheio de ironias, uma crítica à imagem da mulher fatal, que estava em moda na França ou à imagem da mulher certinha, mãe de família. Katy Deville me comentava que parecia que eram os únicos espaços que uma mulher poderia ocupar, desse incômodo nasceu esse

espetáculo, como um manifesto muito bem-humorado da imagem que era imposta como padrão às mulheres daquela época.

O Museu dos Objetos Comuns, que Katy Deville e Christian Carrignon propuseram na sua segunda visita, aponta para um outro olhar em relação ao objeto, que é o de colocá-lo num lugar que não é o do teatro, mas um espaço de encontro, em que descobrir aquilo que o objeto evoca em outra pessoa (pois cada objeto tinha uma etiqueta com uma frase muito pessoal dos artistas que construíram o museu) transforma o espaço num lugar de poesia sem necessariamente apresentar uma cena ou um espetáculo. Esse convite surge num momento em que o Sobrevento começa a trabalhar a relação do Objeto com a memória. Poderíamos dar vida a um objeto trazendo à tona a memória que ele carrega e não mais aquilo que o objeto evoca simbolicamente. Havia uma diferença entre o que o museu do Théâtre de Cuisine propunha e o que nós buscávamos, pois a nós não interessava inventar uma história para o objeto, o que o Théâtre de Cuisine colocava como uma das possibilidades além da história pessoal, para nós só interessava a história real que o objeto carregava.

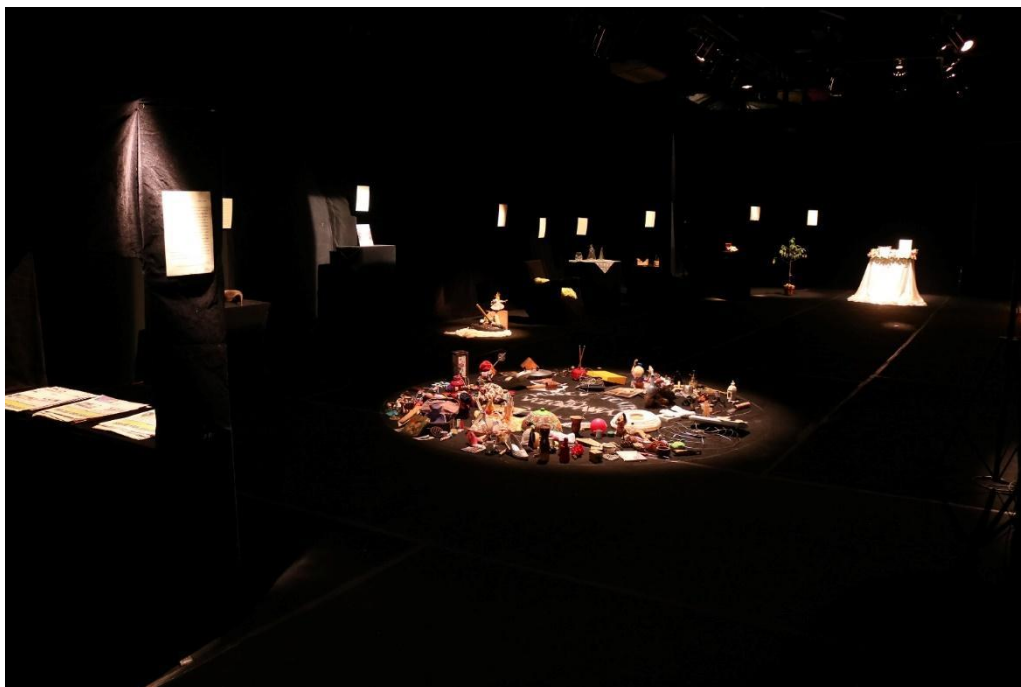
Roland Shön, do Théâtre en Ciel, que esteve no Brasil em 2015, é um outro artista que convidamos quando soubemos, por Katy Deville, que em 2002 desenvolveu um projeto em que ele marcava um encontro com uma pessoa da sua cidade, que podia ser num café, numa biblioteca ou num teatro, e ela trazia um objeto e contava-lhe a história deste objeto; depois ele perguntava se podia gravar em vídeo e todos aceitavam. Nas gravações, ele enquadrava somente os objetos e as mãos do dono da história, desta forma a pessoa se mantinha anônima, e muitas vezes ela ficava à vontade para decidir o enquadramento, o plano de fundo, se seria numa mesa com um pano ou não. Shön recolheu cerca de 300 histórias.

Depois teve a ideia de fazer um museu, onde havia um corredor formado por um tecido afastado da parede, criando uma espécie de segunda parede; a intervalos regulares, havia aberturas pequenas retangulares, cada uma com uma tábua que funcionava como suporte para colocar os objetos. As pessoas entravam naquele corredor, com os seus objetos, e contavam a história de cada

um deles naquelas aberturas. As pessoas que estavam do lado de fora do corredor paravam para ouvir a história sem ver quem era a pessoa que a contava.

Aqui em São Paulo, fizemos nosso primeiro museu, com a colaboração de ambas as companhias, Théâtre en ciel e Théâtre de cuisine, a partir da coleta de histórias e objetos junto à nossa vizinhança. Expusemos os objetos num espaço aberto e penduramos, numa moldura, ao lado de cada objeto, as histórias escritas e narradas por nossos vizinhos. Durante a abertura do museu, os vizinhos podiam sentar-se ao lado de cada um dos seus objetos e, se quisessem, eles mesmos podiam contar a sua história pessoalmente, resultando num Museu Teatro. Essa ideia veio de oficinas do Teatro de Objetos que comecei a ministrar a partir de 2013, quando, buscando fugir do aspecto técnico da linguagem, decidi pedir aos artistas que trouxessem objetos que carregavam uma história pessoal, isto para ter um material poético a ser trabalhado com os objetos. Sem me dar conta, percebi que tínhamos pequenos museus e que só os artistas das oficinas tinham conhecimento.

Começamos a pensar, então, em como poderíamos fazer disso algo mais público. O nosso maior desafio foi criar estratégias para coletar as histórias de pessoas desconhecidas, pois era muito diferente da situação proposta numa oficina. Foi desse desejo que nasceu o convite a Rolando Shön para que nos ajudasse na criação dessas estratégias, assim ele veio ao Brasil para a primeira edição do nosso Museu - *Teatro das coisas guardadas dos nossos vizinhos*.



**Figura 4**– MUSEO – Teatro das coisas guardadas dos nossos vizinhos  
Fotógrafo: Marco Aurélio Olimpo

Nessa mesma época tomamos conhecimento da criação de dois museus, que tinham o mesmo espírito: o Museu das Coisas Banais, definido no próprio site da seguinte forma:

O Museu das Coisas Banais (MCB) é um projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Criado em 2014, visa, através da criação de um Museu Virtual, preservar e compartilhar as memórias de toda e qualquer pessoa, por meio de seus objetos biográficos, objetos esses que, acompanham a vida dos sujeitos e adquirem valor afetivo. O principal objetivo do MCB é discutir esses objetos, muitas vezes considerados banais, como portadores de memória e passíveis de tornarem-se objetos museológicos.<sup>3</sup>

O Museu das Relações Partidas, fundado em 2011, foi criado por dois artistas de Zagreb, Olinka Vištica, e Dražen Grubišić, que, ao terminarem uma relação amorosa, em tom de brincadeira, lançaram a ideia de criar um museu para guardar os objetos pessoais de ambos. Disso nasceu uma exposição

---

<sup>3</sup> Texto extraído do site do museu: <https://musedascoisasbanais.com.br/museu>



itinerante, que circulou por alguns países, entre 2006 e 2010, com objetos doados que traziam a história de alguma relação partida. No programa que os visitantes recebem no museu, os artistas definem-no assim:

conceito da arte que propicia a noção de que os objetos integram memórias e emoções – hologramas de campos – e pretendem criar um espaço de ‘memória segura’ de ‘lembrança protegida’ para preservar o patrimônio material e imaterial das relações partidas.<sup>4</sup>

A partir de 2013, a nossa pesquisa com o Teatro de Objetos foi caminhando do simbólico para a memória, ora trabalhando com a memória dos Objetos, ora com memória do nosso bairro, onde ficava o nosso teatro e ora tratando a memória como um tema ou uma questão a ser trabalhada com os objetos e não com a memória propriamente dita dos objetos. Passamos a nos apropriar de todos os conceitos do Théâtre de Cuisine, de Agnès Limbòs, Catalano e da Companhia Irmãos Oligor.

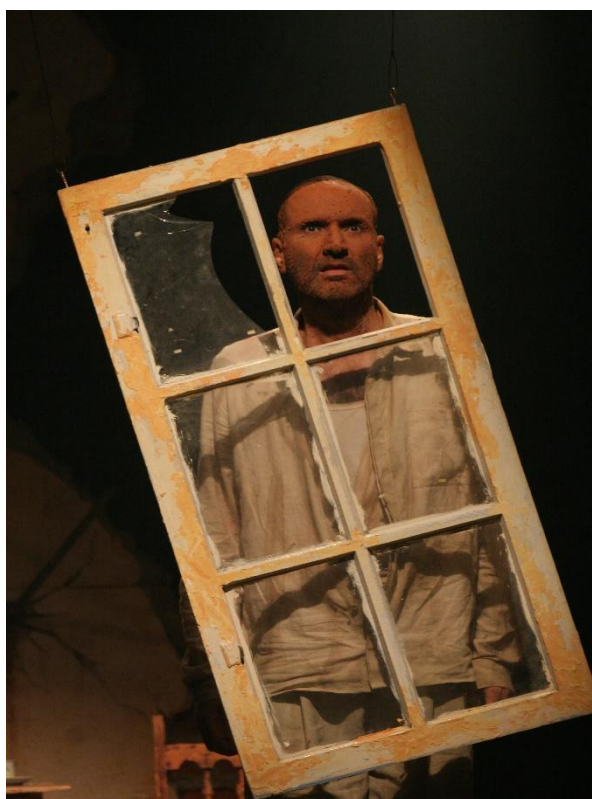
Da relação dos Objetos com a Memória nascem, também, os espetáculos *Escombros* (2017) e *Noite* (2019), na qual passamos, também, a nos perguntar sobre a questão da miniatura no Teatro de Objetos. Questionamo-nos sobre a força do objeto, quando nos valíamos da história que ele carregava, parecia-nos que deveríamos usar o próprio objeto no seu tamanho natural, não era possível usar uma réplica dele em miniatura. Nesse momento, o objeto, usado em seu tamanho natural, parecia verdadeiramente objeto e não símbolo de um objeto. No processo da criação de *Escombros*, tivemos contato com o ensaio de Shaday Larios: *Cenários – Pós Catástrofe: Filosofia Cênica do Desastre*, ainda sem relacionar o nosso trabalho ao Teatro de Objetos Documentais, pois o que nos interessava era a relação dos objetos com as catástrofes, uma vez que na construção da dramaturgia daquele espetáculo a nossa base estava na metáfora dos escombros de uma casa destruída. Assim, buscando textos de apoio para estimular as improvisações, é que nos encontramos com o ensaio de Shaday.

---

<sup>4</sup> Museum of Broken Relationships: More about the concept, p.2.



Para a criação de *Noite*, e baseados na experiência que tivemos em 2015 na construção do Museu – *Teatro das Coisas Guardadas da Vizinhança*, em 2017, atrevemo-nos a realizar um grupo de estudo para entender ou para nos aproximar do que era o Teatro de Objetos Documentais. Nesse grupo de estudo, debruçamo-nos sobre alguns artigos de Shaday Larios. Recolhemos muitas histórias junto aos vizinhos e, diferente de *Escombros*, em que a memória estava como uma questão ou tema a ser abordado, em *Noite*, a base da dramaturgia foram os relatos recolhidos junto à nossa vizinhança, que resultou numa segunda edição do Museu e na criação desse espetáculo. O maior desafio dessa pesquisa foi a seleção dos relatos e a decisão do que entrava ou não na peça.



**Figura 5**– MUSEO – Espetáculo *Escombros*, do Grupo sobrevento.  
Fotógrafo: Marco Aurélio Olimpo

Dessa experiência, o que concluímos é que trabalhar a escuta é essencial, devemos buscar nos reconhecer no relato do outro, a não ir para a

rua com visões predeterminadas, isso pode ajudar a não cair em clichês e fugir das nossas verdades.

Em 2021 tivemos a alegria imensa de receber Shaday Larios, embora já tenhamos difundido bastante o conceito de Teatro de Objetos Documentais, a partir da indicação de leitura dos seus artigos e tomando o cuidado de não nos apropriarmos de um conceito de maneira leviana. Ela ministrou uma oficina onde apresentou as suas ideias e compartilhou referências. Nesse encontro conseguimos perceber algumas diferenças na abordagem e na forma de trabalhar a relação da memória e o objeto. Não era a mesma maneira, mas a sua pesquisa é muito provocadora para compreender a força poética e social que essa ela traz ao fazer teatral.

Na pandemia organizamos encontros virtuais onde formamos grupos de estudos sobre o Teatro de Objetos. A procura foi imensa e nesse momento nos demos conta do tremendo interesse que o Teatro de Objetos vem ganhando na América Latina. Devemos isso a pesquisadores como Javier Swedsky, Leo Volpedo, Ana Alvarado, Rafael Curci, Shaday Larios, entre outros tantos que compartilham artigos, reflexões e trechos dos seus trabalhos fortemente nas redes, contribuindo para a difusão desta linguagem.

Todos os intercâmbios Internacionais que o Sobrevento organizou foram abertos e gratuitos a artistas interessados de todo o Brasil. Tivemos a oportunidade de experimentar e arriscar em muitos grupos de estudo que organizamos. Eu ministrei mais de 50 Oficinas de Teatro de Objetos que fizeram parte de projetos de circulação do Sobrevento ou foram realizadas a convite de outras companhias, em diferentes cidades do país e fui convidada a dirigir três espetáculos no estado de Santa Catarina, *Sofridas* (Cia Trip), *Despertencimento* (Cia andante) e *Rabo de tatu* (Susi).

Acreditamos ter colaborado na difusão do Teatro de Objetos no país, mas também fortalecemos a nossa pesquisa, pois ao abrir as diferentes atividades de formação neste campo, para os tantos artistas que se atiraram generosamente em cada encontro, nos foi dada a oportunidade de trocar

reflexões e questões com mais pontos de vista, que não somente os da nossa companhia, o que enriqueceu, e muito, a nossa pesquisa.

### Referências

EJNÈS, Véronique. **Cahier partages: des théâtres par objets interposés**. Mont-Saint-Aignan, Normandie: Ed. ODIA, 2006

VARGAS, Sandra. O Teatro de Objetos: história, ideias e reflexões. *In: Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. Jaraguá do Sul, SCAR-UDESC, v.7, 2010: p.27-43